



## **Rádio da Quadra: a participação dos ouvintes e dos grupos religiosos em uma rádio poste em Fortaleza<sup>1</sup>**

**Catarina Tereza Farias de Oliveira<sup>2</sup>**  
**Universidade Estadual do Ceará (UECE)**

**Milena de Castro Ribeiro<sup>3</sup>**  
**Universidade Federal do Ceará (UFC)**

### **Resumo**

Este artigo se propõe a compreender as relações participativas e de convivência entre os moradores da comunidade São Vicente de Paulo (Quadra) e a rádio poste Centro de Comunicação Alternativa, localizada no bairro Aldeota, em Fortaleza (Ceará). A partir da pesquisa de campo de caráter interventivo, pautada em observações e pesquisa participante, foi possível refletir sobre as diversas formas de participação (Bordenave, 1983) de dois grupos de moradores: o grupo de jovens da igreja católica Unijoc e o grupo de mulheres evangélicas da igreja Videira Verdadeira. A pesquisa possibilitou compreender a relação dos referidos grupos com a rádio. Entre as considerações finais, foi possível entender que a participação de jovens e mulheres religiosos na rádio deu-se através da mobilização dos próprios grupos religiosos e não representa uma participação que envolva os demais jovens ou mulheres da comunidade. Esta também não pode ser identificada como uma relação comprometida desses grupos com a gestão e manutenção da rádio poste.

**Palavras-chave:** rádio poste; participação; comunidade.

### **Introdução**

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, Consumo e Cidadania: políticas de reconhecimento, redes e movimentos sociais, do 6º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 14 e 15 de outubro de 2016.

<sup>2</sup> É professora adjunto XI da Universidade Estadual do Ceará e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFC. Atua principalmente na área de comunicação comunitária e movimentos sociais. E-mail: catarinaoliveira30@gmail.com

<sup>3</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, linha de pesquisa em Mídias e Práticas Socioculturais. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Comunicação Comunitária e rádio. E-mail: milenabrasil@gmail.com.



A rádio poste Centro de Comunicação Alternativa é um instrumento de luta do Conjunto Habitacional São Vicente de Paulo, conhecido como Quadra<sup>4</sup>. Apesar da pequena quantidade de programas realizados atualmente, verificamos que esse meio de comunicação tem potencial de mobilização naquela comunidade pobre localizada em um bairro nobre da cidade de Fortaleza, a Aldeota.

Desde o começo já sabíamos que a rádio era comandada por uma única pessoa, Sr. Chico Cambista, e que os jovens não participavam mais do veículo. Parecia até que Sr. Chico estava sozinho, mas sempre que escutava alguém falar sobre a rádio, seja jovem ou idoso, era possível entender que o veículo fazia, sim, parte da história da comunidade. Criada por jovens que formavam o Grupo de Apoio Comunitário (GAC), em 1993, como instrumento de apoio a uma antiga instituição, a associação de moradores, o grupo não havia se renovado e a rádio continuava a ser gerida por um morador que mantinha relações com essa associação<sup>5</sup>. Contudo as observações em campo mostraram que havia tentativas de participação, com os seguintes seguimentos: ouvintes e os grupos religiosos (os jovens católicos e as mulheres evangélicas).

Diante dessa problemática da participação focou-se o objetivo desse artigo entender como os moradores da Quadra tem historicamente participado da Radio poste.

### **Participação na rádio poste: o conceito em questão**

Kaplún (1985) discute os meios para se ter uma comunicação social democrática e eficaz. Para ele, a comunicação deve estar a serviço de processo

---

<sup>4</sup> A comunidade da Quadra surgiu na década de 1950, segundo relato de moradores e jornais da época. Está delimitada pela Avenida Virgílio Távora e as ruas Beni de Carvalho, General Tertuliano Potiguara e Vicente Leite, em Fortaleza. É conhecida como “Quadra” por fazer parte de um grande quadrado, formado por dois grandes quarteirões. De acordo com o Censo de 2000, residem nesta comunidade mais de 600 famílias. Atualmente, apesar da imprecisão dos dados, é estimada a presença de mais de 5.000 moradores.

<sup>5</sup> Sr. Chico chegou a reconhecer que havia sido vice-presidente de quase todas as chapas que assumiram a associação de moradores.



educativo transformador, em que os sujeitos destinatários vão compreendendo criticamente sua realidade e adquirindo instrumentos para transformá-la, decidindo ter como meta o diálogo e a participação (KAPLÚN, 1985, p. 67).

O autor levanta a questão de como fazer com que todos participem pessoalmente da produção de um veículo de comunicação comunitária. A ideia de participação de todos é certamente uma meta idealista que deve ser mantida por qualquer veículo de comunicação popular. No entanto, ressalta Kaplún (1985, p.67) “Certamente, não é possível imaginar mensagens elaboradas por TODA uma comunidade. Sempre será necessária uma equipe responsável, grupo encarregado que assuma a produção”.

Mas, se esta equipe é criativa e, em vez de se sentir emissor exclusivo e privilegiado, se situa como facilitador, animador e organizador da comunicação, pode encontrar formas e caminhos para que os meios gerem um diálogo cada vez mais compartilhado, tornando-se gradualmente mais e mais abertos à participação de seus destinatários (KAPLÚN, 1985, p. 67, tradução nossa).

Demo (1986) trata a participação como uma conquista, que não pode ser entendida como uma dádiva ou concessão: “é um processo, no sentido legítimo do termo: infindável, em constante vir-a-ser” (DEMO, 1986, p. 18). Recorrendo à formação etimológica da palavra “participação”, Bordenave (1983) explica as diferenças entre “fazer parte, tomar parte ou ter parte”, e diz que é possível “fazer parte, sem tomar parte” (BORDENAVE, 1983, p. 22-23). O que faz lembrar a participação de alguns ouvintes que, no momento em que vão à rádio pedir a divulgação de um evento, estão “fazendo parte”, mas por não se mobilizarem em torno da organização de um programa, não tomam parte.

O enfoque que Bordenave (1983) traz para o termo participação não se identifica apenas de uma recepção como a dos ouvintes, mas de uma intervenção em termos de maior comprometimento com o funcionamento da rádio, que represente uma certa tomada de decisão, “um processo coletivo transformador, às vezes contestatório, no qual os setores marginalizados se incorporam à vida social por



direito próprio e não como convidados de pedra, conquistando uma presença ativa e decisória nos processos de produção, distribuição, consumo, vida política e criação cultural” (BORDENAVE, 1983, p. 20).

Durante as visitas de campo realizadas entre 2014-2016, principalmente ao acompanhar o programa do Sr. Chico, foi observada a presença de moradores que iam simplesmente pedir a divulgação de alguma atividade, seja um bazar, eventos para arrecadar dinheiro, ou até mesmo um recado. Uma vez um membro do grupo de jovens católico fez um pedindo para anunciar uma feijoada visando arrecadar dinheiro para a Via Sacra. Garotos do grupo já haviam solicitado outras divulgações, como eventos realizados com as crianças e a própria Via Sacra. Essas são participações situacionais na rádio, de forma pontual, e ocorrem de acordo com as necessidades dos moradores.

Peruzzo (2007), em seu estudo sobre a dimensão pública e a participação cidadã na mídia local, toma por base os níveis de participação definidos por Merino Utreras (1988 *apud* Peruzzo), que são: participação nas mensagens; participação na produção de mensagens, materiais e programas; participação no planejamento; participação na gestão. A grande parte dos moradores da Quadra participa do nível mais elementar, nas mensagens:

Em suma, a participação das pessoas pode tanto se concretizar apenas em seu papel como ouvintes, leitores ou espectadores, como significar o tomar parte dos processos de produção, planejamento e gestão da comunicação. Os níveis mais avançados postulam a permeação de critérios de representatividade e de co-responsabilidade, já que se trata de exercício do poder de forma democrática ou compartilhada (PERUZZO, 2007, p. 10).

Outra situação recorrente de participação dos ouvintes é quando algum morador falece. Quando a mãe de uma das jovens do grupo católico faleceu, Sr. Chico colocou uma música fúnebre e anunciou a morte na rádio. Ele confirmou que sempre coloca a música fúnebre quando alguém morre ou no convite da missa de sétimo dia.

Em outra ocasião, um dos membros da Associação de Moradores, foi no dia do programa dominical do Sr. Chico e pediu para que ele anunciasse o nome das



senhoras mais idosas da comunidade que foram homenageadas no Dia das Mães. O homem também pediu para agradecer aos patrocinadores que doaram os presentes para o evento realizado pela associação em homenagem as mães.

D. Fátima, moradora bastante atuante na comunidade, um dia entrou no estúdio para pedir a divulgação da reunião do Conselho de Saúde. Observamos aí uma participação instrumental, pois ao invés de tratar os assuntos discutidos no Conselho de Saúde, D. Fátima vai à rádio apenas para divulgar as reuniões. Ela comentou que precisava divulgar com antecedência, porque as pessoas “não gostavam de participar”. Talvez se fossem estimuladas a discutir o assunto através da rádio, isso despertasse mais a atenção dos moradores. D. Fátima conversa bastante e se apresenta como também fazendo parte da rádio comunitária, mas não se interessa em fazer um programa na rádio: “É porque a gente assim não se engaja na rádio comunitária para formar programa na comunidade”.

De acordo com Bordenave (1983, p. 12-16), “a participação facilita o crescimento da consciência crítica da população e fortalece seu poder de reivindicação”, sendo uma necessidade fundamental do ser humano, não só um instrumento para solução de problemas. O autor define duas bases complementares da participação: a base afetiva, quando se tem prazer em fazer algo com o outro, e a base instrumental, quando é mais eficiente fazer junto.

Estas duas bases – afetiva e instrumental – deveriam equilibrar-se. Porém, às vezes, elas entram em conflito e uma delas passa a sobrepor-se à outra. Ou a participação torna-se puramente “consumatória” e as pessoas se despreocupam de obter resultados práticos – como numa roda de amigos bebendo num bar – ou ela é usada apenas como instrumento para atingir objetivos, como num “comando” infiltrado em campo inimigo. (BORDENAVE, 1983, p. 16)

Bordenave (1983) aponta ainda diferenças na participação ativa: enquanto uns são parte de uma associação e dedicam lealdade e responsabilidade, outros facilmente abandonam aquela organização por outra. Na rádio da Quadra, o Sr. Chico é o único integrante que nunca a abandonou e dedica parte de seu tempo a ela, por isso muito



vezes é visto como sendo o “dono da rádio”. Já a maioria dos outros moradores que apresentavam programas, parou de fazê-los, não demonstrando comprometimento com aquele veículo.

Em vários momentos, Sr. Chico fala em seu programa que estava fazendo a rádio, mas não sabia até quando iria continuar, e que os jovens deveriam dar continuidade àquele projeto. Quando iniciamos a pesquisa em 2014, o único programa que estava no ar era o dele, “Recordar é Viver” que, em 2015, completou 20 anos.

Toro e Werneck (2007) lembram que a participação é um ato de liberdade, logo, uma escolha. “As pessoas são chamadas, convocadas, mas participar ou não é uma decisão de cada um. Essa decisão depende essencialmente das pessoas se verem ou não como responsáveis e como capazes de provocar e construir mudanças” (TORO&WERNECK, 2007, p. 13-14). Para os autores, a participação deve ser vista como um valor democrático:

Quando uma sociedade entende que é ela que constrói a ordem social, adquire a capacidade de autofundação, de construir a ordem desejada. Ela supera o fatalismo e percebe a participação, a diferença e a deliberação de conflitos como recursos fundamentais para a construção da ordem social. A participação deixa de ser uma estratégia para converter-se em essência, no **modo de vida da democracia** (TORO e WERNECK, 2007, p. 29, grifo do autor)

As reflexões sobre as formas de participação mais situacionais na Rádio Poste ou de caráter mais instrumental serão quebradas apenas por dois programas de caráter mais coletivos, porém ambos estarão ligados a vivências religiosas da comunidade e não a práticas de movimentos culturais ou populares existentes nesse contexto, conforme veremos no próximo item. Não encontramos nenhum programa da associação de moradores da Quadra e tão pouco da CUFA, Central Única das Favelas, que tem sede na comunidade. Conforme citamos, o Conselho de saúde da comunidade, também não tem uma participação na emissora. Isso não significa que não consideramos importante as formas de participação mais situacionais ou instrumentais, mas sabemos que outras formas mais críticas e interventivas precisam ocorrer.



## **Grupos religiosos: participação na produção da rádio**

A seguir, analisamos as tentativas de participação do grupo de jovens da igreja católica Unijocc e a atual participação do grupo de mulheres evangélicas da igreja Videira Verdadeira na rádio da Quadra. Através das observações dos receptores e de entrevista com eles, e não um estudo de recepção, foi possível perceber as características dessa participação no veículo comunitário. Trazemos dois grupos religiosos, os jovens católicos e as mulheres evangélicas, pois reflete o contexto atual da rádio que foi ocupada por programas religiosos. São eles que ainda se interessam em participar da rádio, além do Sr. Chico. São também grupos importantes na comunidade, inclusive pelas situações de conflitos que existem no local, as problemáticas sociais das juventudes e a questão das drogas.

Os grupos convivem com diversas paisagens sonoras na Quadra, mas chegaram até a rádio para tentar fazer um programa. Eles conseguem ver a rádio além das outras sonoridades, enquanto os outros moradores não têm interesse de ir até a rádio fazer um programa. Isso não leva a comprovar que eles não escutem, porque não era essa a proposta do trabalho, mas a não ida à rádio comprova a pouca participação ou formas de participação mais situacionais, como para pedir anúncios, ajudas, divulgar eventos, etc.

### ***Os jovens católicos do grupo Unijocc***

Para tentar entender em parte essa relação dos jovens do Conjunto Habitacional São Vicente de Paulo com a rádio comunitária, optamos por conversar com quatro jovens que participam do grupo de jovens Unijocc da igreja católica. Definimos: a neta do Sr. Chico, Mariana, de 16 anos, que mora na casa dele; um adolescente que mora em frente à rádio, Emerson, também de 16 anos; a própria Érika, 26 anos, que apresentou um programa religioso de dezembro de 2013 a agosto de 2014; e Paulo Bruno (PB), de 25 anos, que já participou da rádio, ajudando na área



técnica. Todos fazem parte do grupo de jovens da Igreja Católica da Juventude Mariana Vicentina (JMV), chamado Unijoc<sup>6</sup> e participaram da rádio recentemente.

Durante a conversa que ocorreu no dia 25 de outubro de 2014, percebemos que ao falar da escuta da rádio os jovens não se incluíam. Eles associavam aos moradores mais idosos. Mariana justifica a não audiência explicando que para escutar seu som carros deveriam parar. “Aí tem que parar para se concentrar um pouco. Tem tipo que fechar o olho, fazer uma oração pra conseguir escutar”, brinca. Essa observação da adolescente explica um pouco o desinteresse dos jovens com a rádio. Já Emerson diz escutar a rádio quase todo dia, porque a caixa de som localizada na porta da sua casa é bem mais forte.

Erika diz que acha legal do Sr. Chico porque “ele passa uma grande responsabilidade para a comunidade”. Ela dá o exemplo de quando o grupo vai divulgar algo na rádio: “Uma coisa é nós virmos à rádio e divulgar, outra coisa é o Sr. Chico divulgar. Porque as pessoas parecem que escutam mais, parece que tem um ‘peso’, porque ele passa assim... As pessoas escutam muito e dão muita credibilidade ao que ele fala, e respeitam”, explica.

Todos se lembram das campanhas solidárias que acontecem na rádio. Mariana fala de uma vez que uma pessoa faleceu e não tinha como pagar o caixão e todo mundo saiu ajudando para comprar. O dia das crianças que eles iam fazer e estavam sem orçamento, e todos ajudaram e deu certo. Percebe aí que a participação dos ouvintes sempre existiu na Quadra, Mariana confirma e diz que as pessoas deixavam papéis escritos para anunciar algo na rádio: “Quando eu era menor, ia mais gente lá em casa falar com ele [Sr. Chico]. Hoje em dia, vai menos”, explica.

---

<sup>6</sup> Esses jovens participaram recentemente da rádio e essa seria uma primeira impressão sobre a relação deles com a rádio, mas de um grupo específico, não representativo da maioria, pois sabemos que essas pessoas que optam por integrar um grupo religioso têm uma visão de mundo específica e influenciada por aquele contexto religioso. Além de representar uma parcela privilegiada da população, que estuda ou até mesmo já concluiu uma graduação, como o caso da Érika, formada em jornalismo.





### *Vem e anunciai: o programa católico*

Paulo Bruno, conhecido como “PB”, fazia o programa católico “Vem e Anunciai” com a Érika e o Paulo Jr, todos participantes do grupo Unijocc. Érika explica que, antigamente, quando entrou no grupo, já tinha um programa de rádio e eles só pensaram em retomar. Eles começaram o programa à tarde, aos sábados, em dezembro de 2013, mas Érika explica que não era igual. “Nesse programa, eu faço leitura do evangelho, faço a reflexão, falo de temas, por exemplo, família, perdão, aí vou tirar coisas da Bíblia para discutir”, explica.

PB diz que já tinha participado da rádio e cuidava da edição, quando tinha uns 15 anos. “Eu gostava, ficava no som, mexendo no som”, revela ao afirmar que largou quando começou a participar dos cursos do projeto Oboé Cidadania na comunidade. Percebo que a aproximação do jovem se deu pelo interesse tecnológico. Ele diz que sempre foi curioso, e que um morador tinha um som e ele ficava perto olhando e aprendeu a mexer na aparelhagem.

Érika conta que era complicado fazer o programa sozinha, ela tentava fazer tudo ao mesmo tempo, falar, mexer na mesa e no computador. Ela comenta que o último programa que fez foi no início de setembro de 2014, pois ela não estava conseguindo administrar seu tempo. Além da Érika, PB e Paulo Jr., eles citam outro integrante do grupo que chegava na hora do programa para ajudar. Mariana lembrou que teve uma época que ela gravava com as pessoas pedidos de músicas. Érika diz que parou de fazer isso, novamente por falta de tempo, e explica que à noite era complicado gravar, porque as pessoas estavam assistindo novela, com a família. Há aí uma tentativa de respeitar as rotinas dos moradores.

Para Érika, os jovens não participam efetivamente fazendo um programa, mas sabem da necessidade de ter a rádio. “Eu me orgulho muito de ter a rádio porque tem coisas que as pessoas só sabem pela rádio. A comunidade é muito generosa, ajuda mesmo, e a rádio é um canal pra isso”, explica, ao relatar que Sr. Chico faz campanhas e todas as pessoas ajudam.



### *Tarde de bênçãos: a rádio e os evangélicos*

Em sua pesquisa etnográfica sobre a rádio poste do bairro Pau de Lima, em Salvador, Medrado (2013) ressalta a complexidade que é interpretar a atuação das rádios evangélicas nas comunidades, que, em alguns momentos, “servia como uma importante ferramenta de auto-expressão, mas que, ao mesmo tempo, não foi impecável, privilegiando-se interesses de alguns grupos sobre outros.” (MEDRADO, 2013, p. 411-412). A mesma autora reflete que esse uso da rádio pelos grupos religiosos também pode muitas vezes entrar em conflito com o que é tradicionalmente entendido como rádio comunitária, mas que a experiência não deve ser ignorada.

Se alguém interpreta a literatura dos meios de comunicação comunitários de forma estrita, seria levado a ignorar algumas dessas estações de rádio locais e programação como sendo meramente religiosas e, conseqüentemente, não exemplos legítimos dos meios de comunicação comunitários. No entanto, ao adotar esta abordagem simplista, é fácil perder as maneiras em que o rádio sendo produzido por moradores de favelas é muitas vezes profundamente comunitário, mesmo se a presença de programação evangélica e da influência exercida pelas igrejas sobre estas estações contradizer parte do núcleo de princípios dos meios de comunicação comunitários (Girard, 1992) (MEDRADO, 2013, p. 398, tradução nossa)<sup>7</sup>

Em seu artigo sobre o som, espaço e carisma em uma favela do Rio de Janeiro, Oosterbaan (2009, p. 81) afirma que o som e a música são poderosas ferramentas para exercer uma política de presença na favela. O autor fala sobre o fato dos pastores e músicos da igreja acreditarem que os sons que emanam de suas igrejas podiam ser escutados por outros habitantes, o que representaria um elemento importante de “espalhar a mensagem permitindo a transmissão do Espírito Santo”:

---

<sup>7</sup> If one interprets the community media literature strictly, one would be led to disregard some of these local radio stations and programming as being merely religious and, consequently, not legitimate examples of community media. Yet, by adopting this simplistic approach, it is easy to miss the ways in which the radio being produced by favela residents is often deeply communal, even if the presence of Evangelical programming and the influence exerted by the churches over these stations contradict some of the core principles of community media (Girard, 1992) (MEDRADO, 2013, p. 398).



Como argumentei em relação aos programas de rádio evangélicos, a afinidade eletiva entre o pentecostalismo e tecnologia eletroacústica é sustentada pela ideia de que os dons do Espírito Santo (carismas) são encaminhados diretamente para o crente, sem mediação, muito da mesma maneira como a música – e de som em geral – é experimentada como uma força imediata que nos toca profundamente (OOSTERBAAN, 2009, p. 90-91, tradução nossa)<sup>8</sup>.

No dia 5 de março de 2015 acompanhamos o programa da pastora Juliana, o “Tarde de Bênçãos”. Juliana explica que apresentava o programa, mas deixou por conta do filho pequeno, então chamou duas senhoras da igreja para continuar, a Isabel e a Francisca da Silva (também conhecida como Dona Daci). Naquele dia, o marido, pastor, estava de férias e pôde ficar com o filho. A mesma dificuldade que os jovens têm de manter a frequência do programa também existe no programa evangélico.

Eles são pastores da Igreja Videira Verdadeira, localizada na Rua Antônio Souto. São três igrejas evangélicas na Quadra: Quadrangular (a mais antiga, localizada na Avenida Virgílio Távora), Assembleia de Deus (localizada na Rua João Paulo II) e a Videira Verdadeira (que fica uma rua depois da Assembleia de Deus). Juliana comenta que essas igrejas tiveram programas, mas desistiram, e que o único programa fixo mesmo é o do Sr. Chico.

No programa, ela começa a falar que Deus quer abençoar a vida das pessoas todos os dias e que, depois dos louvores, seria realizada a oração. Ela chama antes a atenção de pessoas que estão “na esquina, na sua casa, e que estão ouvindo o eco do microfone”. Diz que é apenas uma hora para ouvir a palavra de Deus e os louvores. Ela pede para as pessoas fazerem um pedido e uma oração.

Juliana explica que quando as outras mulheres chegaram, ela ensinou como é que o programa era feito. “Eu abro com o louvor, com duas músicas, apresento, digo que é da igreja, aí falo dos trabalhos que temos e convido as pessoas para irem para a

---

<sup>8</sup> As I have argued in relation to evangelical radio shows, the elective affinity between Pentecostalism and electroacoustic technology is sustained by the idea that the gifts of the Holy Spirit (charismata) are conveyed directly to the believer without mediation, much in the same way music – and sound in general – is experienced as an immediate force that touches us profoundly (OOSTERBAAN, 2009, p.90-91).



igreja”, explicou Juliana. D. Daci diz que faz um convite geral para toda a comunidade e explica que “fala sobre as coisas que o mundo precisa ouvir, para os jovens que vivem jogados no mundo”, mostrando aí a preocupação em conquistar as pessoas que ainda não fazem parte da igreja, principalmente os que estão sofrendo, com problemas, como as drogas, etc.

Em um outro programa, além da pessoa que foi alertar sobre um barulho, chega uma outra dizendo que ouviu a voz da pastora e aproveita para vender uma rifa. Uma terceira visita chega já no final, dizendo que escutou a voz de Juliana. Essas pessoas mostram que o programa estava, sim, com audiência.

Verificamos uma constante renovação das apresentadoras que vão passando pelo programa dos evangélicos. A participação dessas pessoas cria uma expectativa de continuidade do programa. Situação que não ocorre com o programa do Sr. Chico, concentrado na figura dele, ou no programa dos jovens católicos, em que Érika apresentava e, quando teve que sair, o programa acabou.

Mesmo que as pessoas sejam “chamadas” pela pastora, um convite que muitas vezes se torna uma obrigação, é notável o prazer das irmãs ao fazer o programa, que pode estar relacionado com a característica da religião evangélica de conquistar pessoas, e a rádio é usada evidentemente para isso, conquistar os corações de novos fiéis. E, novamente, percebemos que a aproximação e o interesse delas na rádio foi despertada através da participação inicial em um grupo, a igreja.

Apesar da boa convivência, fica evidente a rivalidade entre as religiões. D. Daci, por exemplo, comentou sobre um programa católico que fazia muito barulho, tentando talvez tirar a culpa que é sempre lançada para os evangélicos quanto ao barulho. Ela também, durante um programa, recebeu a visita de uma ouvinte católica que comentou que estava escutando bastante a voz da irmã pela comunidade. Pela reação, o comentário foi recebido como uma crítica.

Apesar da frequência do programa ter se estabilizado, as mulheres evangélicas estavam na rádio, mas não se percebiam fazendo parte daquele veículo, talvez por achar que a rádio era do Sr. Chico. D. Daci chegava a falar que não gostava de mexer



“nas coisas dos outros”, ao se referir aos equipamentos do estúdio. Os jovens católicos também falam da rádio e a associam sempre à figura do Sr. Chico, como se só ele fizesse a rádio.

### Conclusões

Percebemos que há uma tendência dos teóricos em idealizar a participação dos indivíduos nos meios comunitários, mas, na prática, no caso da rádio da Quadra, os moradores participam de forma pontual, não “tomando parte” da gestão e nem da produção. A rádio tem um uso instrumental, em que os moradores chegam para divulgar uma mensagem. Os ouvintes, por sua vez, têm o menor grau de participação, que é o de usar a rádio para informação. Eles são informados de decisões e assuntos já finalizados ou levam avisos da comunidade até a emissora.

Entre as barreiras para a participação, verificamos que na rádio, o próprio Sr. Chico, presidente do veículo, dificulta a participação dos moradores, pois ao centralizar a gestão na sua pessoa, sem incluir o grupo gestor – que existe, mas não atua – ou tentar incluir mais pessoas, ele se isola e fecha as portas da rádio. Nesse caso, Bordenave (1983) explica que “as qualidades pessoais do líder atuam a favor da participação ou dificultam, assim como a filosofia social da instituição ou do grupo. Atribui o papel meramente instrumental à participação e não deseja abrir mão do controle do processo” (BORDENAVE, 1983, p. 39).

No geral, os jovens entendem a função da rádio na comunidade, mas eles não se percebem como atores nesse veículo. Houve uma tentativa de realizar o programa, mas que pela falta de apoio do grupo, não continuou. Mesmo participantes de um grupo de jovens da igreja com mais de 100 participantes, que se apresenta como “um grupo que faz a diferença na comunidade”, realmente atuando com diversas ações, com as crianças e moradores de rua, os jovens percebem a rádio como um meio importante para divulgar as ações do grupo, mas não conseguiram manter um programa no veículo.



São vários os aspectos que colaboram para um distanciamento dos jovens em relação à rádio. De alguma maneira, ela parece ter parado no tempo, tanto em relação aos equipamentos, quanto aos programas que continuam os mesmos há muito tempo: os programas de músicas antigas e os religiosos. A falta de renovação na rádio é evidente. O hábito de escolher suas músicas e escutar da altura que quer em casa ou no fone de ouvido, equipamento muito usado entre os jovens nas ruas da Quadra, também distancia os jovens da emissora. Esse fator técnico também nos leva a questionar se as rádios que usam caixas de som, ainda tem possibilidade de conviver com a nova realidade tecnológica do celular e da internet?

A escuta da rádio pelos jovens moradores da Quadra é disputada com a imensa quantidade de paisagens sonoras que existe na comunidade e fora dela, como os apelos de consumo, outras TVs e emissoras de rádio, além do uso do celular e das redes sociais.

Em linhas gerais perguntam o que faria essas escutas se voltarem mais para a rádio? Percebemos que alguns interesses mais particulares, a participação em algum grupo da comunidade, foi capaz de levar esse público até a rádio para fazer programas ou solicitar anúncios de ações e eventos. O que faltou foi o engajamento maior de pessoas na produção da rádio.

Foi possível identificar que além de uma conquista pessoal, o uso da rádio pelo grupo de mulheres evangélicas na Quadra é também um instrumento de expansão da fé, numa proposta de disputa não só pela audiência, mas de conquista de espaço religioso, dentro de uma competição que se faz sonora. A disputa de espaços acontece entre as três igrejas presentes na Quadra, e há um cuidado por parte da pastora e das outras mulheres em não incomodar os moradores com o som alto, em reconhecimento que a comunidade não é dominada pela igreja delas.

## Referências

BORDENAVE, Juan E. Diaz. **O que é participação?** São Paulo: Brasiliense, 1983.



DEMO, Pedro. **Participação é conquista:** noções de política social participativa. Fortaleza: Edições UFC, 1986.

KAPLÚN, Mário. **El comunicador popular.** Quito: CIESPAL, 1985.

MEDRADO, Andrea Meyer Landulpho. Community and Communion Radio: listening to evangelical programmes in a brazilian favela. **Communication, Culture & Critique**, 2013. v. 6, p. 396-414. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/cccr.12018/abstract>> . Acesso em: 25 fev. 2016.

OOSTERBAAN, Martijn. 'Sonic Supremacy: Sound, Space and Charisma in a Favela in Rio de Janeiro'. Critique of Anthropology March. Sage publications: 2009 29: 81-104. Disponível em: <<http://coa.sagepub.com/content/29/1/81>>. Acesso em: 25 fev. 2016.

PERUZZO, Maria Cicilia Krohling. **Televisão comunitária:** dimensão pública e participação cidadã na mídia local. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

TORO, José Bernardo; WERNECK, Nísia Maria Duarte. **Mobilização social:** um modelo de construir a democracia e a participação. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.